

UP: ALTAS AVENTURAS NA EJA - UM OLHAR SENSÍVEL ATRAVÉS DA PEDAGOGIA

Luciano Pereira da Silva Machado¹; Carlos Nathan Ferreira Sousa²; Thamiris de Oliveira Nascimento³; Fernanda Karen Marinho Carvalho⁴ e Najla Almeida Marques Pereira⁵.

¹ Graduado do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

luciano.machado@aluno.uece.br

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

carlos.nathan@aluno.uece.br

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

thamiris.oliveira@aluno.uece.br

⁴ Pós Graduanda pela Universidade Estadual do Ceará (UAB/UECE)

fernanda.karen@aluno.uece.br

⁵ Professora da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME)

najlaalmeida@gmail.com

RESUMO

O artigo subsequente busca refletir como as práticas pedagógicas na perspectiva da modalidade de ensino de jovens e adultos estão acolhendo os sujeitos em formação educativa. Visualiza-se um breve contexto sobre a EJA, iniciado pelo período colonial e a respectiva conquista da LDB de 1996. De forma a compreender tais comportamentos entre educandos e educadores, baseado na visão de Gil (1999), a abordagem qualitativa possibilita a consideração da prática reflexiva através dos desafios que permeiam a permanência desses sujeitos no ambiente escolar. Além disso, como a ação docente pode ser um importante instrumento para assegurar o estudante da EJA nos fundamentos da metodologia de ensino na visão sensível e afetiva. Tais reflexões foram investigadas nas vivências de professoras que trabalham com o ensino da EJA, através de um formulário disponibilizado de forma online.

Palavras-chave: EJA; afetos; desafios, metodologias e ensino.



INTRODUÇÃO

No Brasil, é bem verdade que muitas histórias de pessoas que nasceram nas últimas décadas, mencionam que durante a infância foram marcadas pela ausência do acesso à educação. Tal como, é possível afirmar que outros registros dessa mesma geração, descrevem a necessidade de sobrevivência, normalmente relatada pela prioridade do trabalho em troca da infância. Dessa forma, com a carência de condições humanas na estrutura social da época, apenas uma parte minoritária que possuía privilégio econômico alcançou a formação nas áreas iniciais.

Com a perspectiva de inclusão social nos espaços do conhecimento, a modalidade de ensino da educação de jovens, adultos e idosos, conhecida pela sigla EJA, é uma proposta com finalidade de formação nos âmbitos do ensino fundamental ou ensino médio em um curto período de tempo. É uma política pública que contempla as pessoas que tiveram o acesso negado ou negligenciado por determinado contexto histórico.

Neste sentido, uma grande parcela da sociedade passa a fazer parte de um grupo desvalorizado que se encontra às margens das desigualdades. Sendo assim, o sistema educacional brasileiro, como agente central na luta contra o analfabetismo, se desdobra a partir de uma tentativa de reparação histórica para as classes menos favorecidas. Assim, para entendermos as nuances que envolvem o ensino de jovens e adultos, na sociedade atual, precisamos voltar um pouco no tempo.

A era Colonial foi a primeira demonstração de práticas de ensino, contudo na visão missionária que buscava catequizar os povos nativos e os povos escravizados. Conforme Haddad e Di Pierro (2000, p. 109), “além de difundir o evangelho, tais educadores transmitiam normas de comportamentos e ensinavam os ofícios necessários ao funcionamento da economia colonial, inicialmente aos indígenas, e, posteriormente, aos escravos negros” É importante lembrar que os fundamentos da educação brasileira foram através do ensino religioso organizados e ministrados pelos jesuítas, mas não de maneira pacífica, e sim na base do domínio ideológico. Desse modo, recapitula Moura (2004, p.26), “A educação de adultos teve início com a chegada dos jesuítas em 1549. Essa educação esteve, durante séculos, em poder dos jesuítas que fundaram colégios nos quais era desenvolvida uma educação cujo objetivo inicial era formar uma elite religiosa.”



Não muito diferente, no século XVIII, com diversas escolas jesuíticas espalhadas no território brasileiro, práticas pedagógicas de leitura e escrita através da doutrinação, eram lecionadas. Entretanto, a partir da expulsão dos jesuítas pelo ministro português Marquês de Pombal, em 1759, a religião deixa de ser o centro de poder e o Estado toma o controle reformando as camadas sociais. Sendo a educação para todos uma esperança para os homens e mulheres que eram considerados invisíveis na sociedade

Desta maneira, com a chegada da família real em 1808 no Rio de Janeiro, muitas mudanças ocorreram no processo educativo no país como, por exemplo, a criação de cursos profissionalizantes, investimento no ensino superior, escolas militares e outras demandas para a educação da elite. Por outro lado, adolescentes e adultos de classe inferior, tinham um ensino informal e precário, baseado na instrução em grandes casas pela oralidade. Além disso, é importante lembrar que a educação formal da mulher em ambas as classes, era inexistente.

Com a autonomia de um país, após a independência de Dom Pedro I, surge a primeira constituição do Brasil em 1824. Portanto, com a alta taxa de analfabetismo, destaca-se uma nova atenção para a educação de adultos vulneráveis, o ensino primário para todos, “instrução primária gratuita a todos os cidadãos” (BRASIL, 1824).

Em segundo momento, outra conquista importante foi determinada no ensino voltado para a Educação de Jovens e Adultos que tiveram o acesso ausente na formação educacional, tem como direito constitucional vigente estabelecido no ano de 1988, como menciona o artigo 208: “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988).

Em 1930, em decorrência das diversas mudanças na sociedade da época, onde as indústrias que eram uma grande fonte de renda, começaram a avançar, e assim, exigir da população que oferecia mão de obra, um conhecimento maior. O que resultou também em uma busca e desejo maior pela educação. Essa educação perpassou por muitas épocas e momentos históricos, houveram períodos em que ela foi desacreditada por aqueles que se interessavam por ela, mas esses momentos difíceis a levaram a ganhar destaque na Constituição Federal de 1988, sendo uma conquista no campo da educação pública.



A educação já é bem desafiadora no contexto regular, e é mais desafiadora ainda no contexto da educação de jovens e Adultos, tendo em vista que são sujeitos atravessados pelas múltiplas esferas excludentes da sociedade, seres que vêem o ensino como uma oportunidade, senão a única oportunidade de mudar a realidade em que se encontra, e assim sendo, é importante que os professores percebam que o ensino precisa ter uma relação maior com a afetividade, nesse âmbito, para que os alunos se sintam acolhidos e tenham prazer em aprender.

A escolha do título se deu como uma homenagem ao filme da Disney intitulado “Up: Altas Aventuras”, que conta a história de um vendedor de balões chamado Carl Fredricksen, um senhor de 78 anos. A história mostra a relação entre um senhor e uma criança de 8 anos. Fazendo um link com a Eja, percebemos no filme a relação e a diversas trocas entre uma pessoa mais jovem e uma pessoa mais velha, e notamos o quanto eles aprendem um com o outro, tal qual é no ensino da EJA.

DESAFIOS ATUAIS PARA EDUCANDOS E EDUCADORES NA EJA

Quando é debatido sobre público da EJA, enxergamos em sua totalidade trabalhadores que buscam um espaço de oportunidade de se sentirem capazes. Em contrapartida, muitas barreiras na vida cotidiana podem influenciar na permanência desse sujeito no espaço de ensino. A evasão por dificuldades na aprendizagem podem impactar como esse aluno enxerga a educação, aqui me refiro especificamente na abordagem prática do professor. O docente tem a formação adequada para tais sensibilidade? As atividades curriculares são desenvolvidas de forma atrativa?

Em muitos dos casos, o deslocamento do trajeto até a instituição pode também ser uma barreira na possibilidade de aprendizagem. Assim como, a falta de disposição pelo esgotamento do cotidiano de todo trabalhador ser um fator central, Di Pierro (2010, p.35) descreve essa dificuldade que condiz com muitas realidades no país:

[...] os jovens e adultos analfabetos ou com baixa escolaridade não acorrem com maior frequência às escolas públicas porque a busca cotidiana dos meios de subsistência absorve todo seu tempo e energia; seus arranjos de vida são de tal forma precários e instáveis que não se coadunam com a frequência contínua e metódica à escola; a organização da educação escolar é demasiadamente rígida para ser compatibilizada com os modos de vida dos jovens e adultos das camadas populares; os conteúdos veiculados são pouco relevantes e significativos para tornar a frequência escolar atrativa e motivadora para pessoas cuja vida cotidiana já está preenchida por compromissos imperiosos e múltiplas exigências sociais.



Por se tratar de estudantes analfabetos, ainda é estigmatizado uma cultura cujo conteúdo pode ser exposto de forma infantil nas práticas de docência. Sendo uma particularidade dos professores adaptarem modelos padronizados do ensino infantil para os estudantes da EJA. Deste modo, estratégias devem ser consideradas na aplicação de visualizar esses sujeitos como agentes que possuem especificidades e funções no meio social.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO CONTEXTO ATUAL: UM OLHAR DE ESPERANÇA

Cabe mencionar que “a EJA está carregada de um olhar negativo sobre os jovens da camada popular” (ARROYO, 2011 apud SOUSA, 2018, p.15) e a visão estereotipada resulta na invalidade dessas pessoas como sujeitos de direito. A asseguarção do acesso à educação formal de qualidade é direito de todos(as) e dever do Estado amparada através da Constituição Federal de 1988. Dessa forma, como o principal instrumento jurídico do Brasil reforça a educação como direito fundamental, torna-se indispensável questionar o modo como as políticas educacionais também abordam e orientam a educação, acima de tudo, na etapa da Educação de Jovens e Adultos. Posto isto, lembramos que é essencial desconstruir a concepção de que a EJA é desnecessária, pelo contrário, a modalidade tem papel central na redução do analfabetismo e da exclusão educacional de pessoas que não tiveram acesso à educação, consequentemente, surgindo como solução para tais demandas sociais. O potencial da EJA em reduzir as desigualdades e promover a inclusão social comprova a relevância social do nosso projeto de pesquisa.

Em linhas gerais, a educação deve ser uma prática democrática e libertadora por carregar consigo a potencialidade de romper barreiras como os limites de classe, gênero e raça. A educação, em um significado amplo, “serviria para educar os estudantes para a prática da liberdade, e não para sustentar as estruturas de dominação existentes” (HOOKS, 2022, p. 68).

Infelizmente, desde o início da trajetória da EJA no Brasil, a modalidade sofre as marcas da invisibilidade e violação de seus direitos. Embora haja tentativas de exclusão e silenciamento, a EJA carrega um forte olhar esperançoso de pessoas que acreditam na educação como agente transformadora de realidades. Claramente, “alegria”, “recomeço” e “esperança” são palavras



presentes na rotina escolar da Educação de Jovens e Adultos. Dessa forma, é necessário formar sujeitos críticos e capazes de transformarem o mundo, assim como sua própria realidade. Educar deve ser equivalente a libertar.

Paulo Freire (1967) frisa que educar requer práticas que instiguem a promoção da consciência ingênua e/ou consciência mágica para consciência crítica. Ponderando esses três paradigmas de conscientização definidos por Paulo Freire, convém que expliquemos cada uma: 1) a consciência ingênua envolve uma ausência dos questionamentos e considera-se superior aos fatos; 2) a conscientização mágica apoia-se na fundamentação da fé e do destino; 3) a consciência crítica, ao contrário das demais, é baseada na autoanálise e atitude transformadora. Dito isso, especialmente a educação deve inibir a massificação dos educandos, quer dizer, um estado acrítico, passivo, sem autonomia e suscetível à manipulação. Segundo Freire, “se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será” (FREIRE, 1967, p.106).

O Patrono da Educação Brasileira, defende uma prática educativa que fortaleça o pensamento crítico dos sujeitos a partir do reconhecimento da sua própria condição. Em caráter de ênfase, salientamos que o processo educativo ancora-se no diálogo, na relação horizontal do educador com o educando. A consolidação do ambiente dialógico “nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. [...] Só aí há a comunicação” (FREIRE, 1967, p.107). Construir um espaço amparado na democracia, no respeito e na segurança é necessário para assegurar a concretização do aprendizado, em particular, em salas da EJA, marcadas pelo silenciamento e pela violação dos direitos de seus sujeitos.

DESENVOLVIMENTO

A Educação de Jovens e Adultos se encontra em um espaço muito delicado, onde contempla uma parcela da população que se encontra às margens da sociedade e que muitas vezes são desacreditadas por boa parte da sociedade, tendo assim suas visões atravessadas por esses pré-conceitos estabelecidos.

Diante disso, esse trabalho tem como objetivo analisar de forma breve, como se encontra o ensino da EJA em algumas redes de ensino pública da cidade de Fortaleza atualmente, com foco nas relações afetivas de ensino e aprendizagem, possibilitando assim uma aproximação entre



professor e aluno, ajudando os alunos a confiarem no professor e tornar o processo mais leve. Buscamos também perceber as formas aplicadas nas ações educativas utilizadas pelos professores em sala de aula.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, que segundo Gil (1999, p. 5), a pesquisa qualitativa, ao se debruçar sobre um tema de estudo complexo, é subjetiva ao objeto de pesquisa, buscando descrever e decodificar de forma interpretativa os componentes do sistema.

Para isso, realizamos uma pesquisa através de um formulário, onde entrevistamos duas professoras que lecionam na EJA. A análise conteúdo que segundo Bardin:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p. 47).

Será feita através da comparação das respostas. Segundo Gil (2002, p.41) pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, onde inclui levantamento bibliográfico e entrevistas. E a partir dessas comparações, perceber como anda o ensino da EJA.

Visando ter uma percepção maior, optamos por fazer uma entrevista com algumas professoras que trabalham com a Educação de Jovens e Adultos, a fim de perceber como se deu seu interesse pela área, como se deu sua formação e como são suas vivências em sala de aula. O formulário foi pela ferramenta Google Forms, ferramenta disponibilizada pelo Google.

Na educação infantil se trabalha muito a afetividade das crianças, pois elas vão aprendendo através dos afetos trocados nas relações entre as crianças, e esse movimento deve se estender até a educação de jovens e adultos, buscando promover vivências entre os alunos, para que possam compartilhar suas vivências, fazendo assim ter sentido a educação trabalha, e formando consequentemente laços afetivos para com os outros. Freire (2003, p.137) coloca que:

Saber ouvir o aluno é respeitar e valorizar a sua história, seus conhecimentos de mundo que traz consigo em sua bagagem cultural e discutir com eles a razão desses saberes em relação aos conteúdos ensinados. É ter humildade frente às diferenças e incompletudes dos alunos, seres em constante aprendizagem. É ter a humildade para aceitar e saber dialogar com aqueles que fala e/ou escreve de uma maneira diferente das normas padrões da gramática. Reconhecer a leitura de mundo do aluno, o professor está valorizando o seu saber cotidiano.



Durante essa pesquisa foi realizada a aplicação de um questionário com três professoras da rede municipal de ensino de Fortaleza, a fim de compreender como as professoras que ensinam na Eja, percebem a modalidade, os alunos, os vínculos e o ensino. Buscando manter suas identidades em sigilos, nomeamos elas de: Pessoa 1, Pessoa 2 e Pessoa 3.

Buscando entender sua relação com a EJA pedimos para que comentassem o que lhes motivaram a serem professoras da EJA.

Alfabetizar adultos e idosos é um desafio pedagógico que envolve empatia, respeito e responsabilidade. (Pessoa 1)

O fato de trabalhar os 3 expedientes na prefeitura é a opção do turno da noite é Eja. (Pessoa 2)

A experiência com alunos trabalhadores de uma escola particular de Fortaleza e a aplicação da proposta do grande educador brasileiro Paulo Freire de alfabetizar e educar partindo da realidade do aluno e de sua experiência de vida. Como Orientadora Educacional, parto da premissa de que o aluno da EJA traz consigo uma história de vida que não pode ser ignorada do seu contexto. Na escola pública essa experiência é desafiadora mas também enriquecedora. (Pessoa 3)

Percebe-se aqui, que em alguns casos, a EJA não chega como uma escolha, mas apenas um opção, o que leva à conclusão de que se houvessem outras modalidades no turno da noite, elas seriam escolhidas por muitos professores no lugar da EJA. Os preconceitos que rondam a sociedade, são atravessados até mesmo pelos professores que trabalham na área da educação. Mas é importante também perceber que há profissionais que podem até não dar a devida importância, mas que ao experienciar o ensino na modalidade, se sentem tocados, despertando assim o interesse por contribuir de forma significativa no processo dos alunos da EJA.

Para entender como se dá às relações de afetos entre professores e alunos, e como essa relação ajuda no ensino, questionamos se elas concordam que manter uma relação de amizade com os alunos ajuda no processo de aprendizagem deles.

Sem dúvida. É na sala de aula que se constrói vínculos afetivos e empatia pelo aluno. (Pessoa 1)

Sim. (Pessoa 2)

Sim, é necessário conquistar a confiança desse aluno que traz histórias de vidas difíceis, sofridas. Nesse processo de confiança. (Pessoa 3)

Notasse que é um ensino que não lida somente com as questões educacionais de alfabetização e letramento, mas que além delas lida também com questões emocionais que atravessam os sujeitos. Sendo necessário assim um preparo melhor para lidar com todas essas situações e questões



trazidas pelos alunos. Mas essas trocas, favorecem a troca de experiências e criação de veículos com os colegas e principalmente com os professores, possibilitando assim uma confiança maior e um fortalecimento de vínculos, que contribui para o processo educacional.

Em uma tentativa de saber como se dar o ensino voltado para ajudar os alunos que tanto sofrem por não terem conseguido concluir os estudos, perguntamos quais estratégias elas desenvolveram ou desenvolvem para ajudar esses sujeitos que já estão à margem da sociedade a conseguirem se inserir na sociedade de maneira mais digna e igualitária.

Envolvendo os alunos nas redes de apoio, cooperativas e projetos interativos da comunidade escolar como no entorno da escola. (Pessoa 1)

Realizando com os alunos reflexões sobre ser sujeito da própria história, levar os alunos a fazerem uma leitura de mundo para compreenderem as contradições, desenvolver atividades para desenvolverem as habilidades de leitura e escrita. (Pessoa 2)

Através de dinâmicas que trabalhem a autoestima, reflexão sobre o seu papel como estudante, profissional e o seu lugar no mundo. Desenvolver no aluno a consciência crítica e a ideia de pertencimento. (Pessoa 3)

Não basta apenas oferecer um ensino e trabalhar somente as questões pedagógicas, é importante se trabalhar com os sujeitos para que eles se sintam pertencentes aos espaço em que estão frequentando, e que possam refletir sobre a sociedade na qual fazem parte. É importante desenvolver uma educação política, uma educação que forme cidadãos conscientes e críticos. Há múltiplas maneiras de se trabalhar esses pontos, por exemplo: por meio de rodas de conversas, dinâmicas, entrevistas e pesquisas sobre e no local no qual estão inseridos, para que sintam assim pesquisadores da própria história e das histórias que fazem parte.

CONCLUSÕES

Percebe-se que o ensino da EJA enfrenta barreiras desde sua Gênese, onde homens brancos invadiram o Brasil e trouxeram consigo suas percepções, e tomaram como únicas e verdadeiras, agilando logo o processo de tornar os povos existentes semelhantes a si, através da catequização, configurando assim um modelo de alfabetizar que deu origem aos modelos que temos atualmente.

Como nos mostra Paiva:

O que representava a alfabetização para os jesuítas a ponto de quererem, desde o início, alfabetizar os índios, quando nem em Portugal o povo era alfabetizado? Mais do que o resultado dessa intenção, interessante é observar a mentalidade. As letras deviam significar adesão plena à cultura portuguesa (PAIVA, 2000, p. 43).



Depois desse epistemicídio, em prol de suas culturas europeias, instalou-se alguns modelos educacionais, mas voltados apenas para aqueles que tinham poder, e ao passar do tempo, o mundo foi evoluindo. E assim começaram os processos de industrialização, e a partir disso começaram a desenvolver uma educação para as classes mais baixas, uma educação bancária, pois o interesse era apenas dar uma educação voltada para interesses industriais, onde aprenderiam o básico da educação para conseguirem manusear as máquinas das fábricas.

Diante do que foi apresentado, percebe-se atualmente que o ensino da EJA ainda é atravessado por múltiplas histórias e realidades, que são alinhavadas por perdas, sofrimentos e exclusão. Deixando assim os sujeitos que fazem parte fragilizados e desmotivados, ocasionando em muitos casos em desistência da continuação e conclusão dos estudos.

Através das entrevistas percebemos que o Ensino da EJA ainda parece não ser o campo de escolha de muitos profissionais, em que chegam até ele, por outros motivos, dentre eles, cumprimento de carga horária e remanejamentos de profissionais afastados. O que acaba sendo um pouco problemático, levando em conta que não foi uma escolha direta, uma primeira opção.

Os relatos dos profissionais da educação que lecionam na EJA é muito interessantes, pois nos mostram como a teoria e prática se entrelaçam nesse ensino e a responsabilidade que é atender a um público que tem uma carga emocional atravessa pela nuances da sociedade, e como é importante as relações entre professor e aluno para ajudar esse processo leve e que possa assim ser um espaço onde os alunos consigam enxergar possibilidades para mudarem suas realidades e a realidades daqueles que participam de suas caminhada, ou seja, sua família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 13 abr. 2026.

BRASIL. [Constituição (1824)]. *Constituição Política do Império do Brasil, de 25 de março de 1824*. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 15 abr. 2026.



BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 11/2000.** *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf Acesso em: 13 abr. 2026.

DI PIERRO, Maria Clara. *Balanço e desafios das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil*. In: SOARES, Leôncio et al. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. ENDIPE, 15. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, Paulo. Educação e conscientização. In: FREIRE, Paulo (org.). **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967, p. 101-121.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas/SP, n.14, p.108-130, maio/ago. 2000.

HOOKS, Bell. Educação Democrática. In: HOOKS, Bell. **Ensinando Comunidade: Uma Pedagogia da Esperança**. 1. ed. São Paulo: Elefante Editora, 2022, p. 63-71.

MOURA, Maria da Glória Carvalho. *Educação de jovens e adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica*. Curitiba: Educarte, 2003.

SOUSA, Maraiane Pinto de. **Marco Discursivo da Educação de Jovens e Adultos e Educação do Campo no Município de Santa Rita/PB: A Partir dos Documentos Legais**. Monografia (Graduação), UFPB, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14214/1/MPS22112018.pdf>.

